

4

# ESEG investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

nº4 | 2º semestre | 2007

*Edição especial 20 anos  
Volume I*

# **ESEG INVESTIGAÇÃO**

**Revista Científica  
da  
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 4 | 2º Semestre | 2007

**Título:** ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial, Volume I

**Coordenação Editorial:** Joaquim Manuel Fernandes Brigas

**Coordenador Científico:** Júlio Pinheiro

**Comissão Científica:** Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

**Edição:** Escola Superior de Educação da Guarda

**Capa:** Humberto Pinto

**Coordenação Gráfica:** Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

**Colaboração:** Jandira Medina

**Tipografia:** Marques & Pereira (Guarda)

**Depósito Legal:** 220917/04

**ISSN:** 1646-1193

**Tiragem:** 2000 exemplares

**1ª Edição:** 2º Semestre | 2007

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 \* 6300-559 Guarda \* Telefone: 271 220 135 \* Fax: 271 222 325 \* [www.ese.ippg.pt](http://www.ese.ippg.pt)

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

# Índice

Nota de Abertura <i>Joaquim Brigas</i>	7
Prefácio <i>Júlio Pinheiro</i>	9
“As palavras ainda se apagam diante do invisível” Rainer Maria Rilke e Cecília Meireles: notas de investigação <i>Maria José Craveiro</i>	17
Renan e Eça de Queirós <i>Vie de Jesus e A Relíquia</i> <i>Júlio Pinheiro</i>	33
Ensaio sobre a Cegueira <i>ou</i> a metáfora do mundo em que vivemos <i>Ricardo Antunes</i>	49
Ricardo Reis: o mais clássico dos heterónimos de Fernando Pessoa <i>Mário Meleiro</i>	69
Fernando Pessoa e o Iberismo <i>José Luís Lima Garcia</i>	81
A imprensa regional ao serviço de uma causa: o jornal <i>A Guarda</i> e o processo de acolhimento dos “retornados” <i>Nelson Oliveira</i>	87
O uso das fontes na imprensa generalista <i>Regina Gouveia</i>	113
Análise do “ <i>uso de recursos</i> ” nos manuais escolares portugueses e moçambicanos <i>Rosa Branca Tracana, Cláudia Ferreira, Maria Eduarda Ferreira &amp; Graça S. Carvalho</i>	133

---

Actividades lúdico-motoras praticadas em meio rural por crianças do 1º ciclo do Ensino Básico. Mudanças verificadas entre 1992 e 2007	149
<i>Mário Cameira Serra &amp; Nuno Serra</i>	
<hr/>	
El Juego como medio transmissor de valores en la educación primaria	169
<i>Eduardo Álvarez del Palacio</i>	
<hr/>	
Enamoramento e Amor	183
<i>Filomena Velho</i>	
<hr/>	
A policromia e a pintura ilusionista na Praça e Vila de Almeida (séculos XVII a XX)	193
<i>Augusto Moutinho Borges</i>	
<hr/>	
Estratégia das Empresas na Era da Globalização	211
<i>Maria Filomena Ribeiro Ventura Gomes</i>	
<hr/>	
Do autismo à palavra: a importância do “Não”	231
<i>Isabel Maria Morais de Sousa Portugal</i>	
<hr/>	

## Nota de Abertura

A revista *ESEG Investigação* nasceu fruto da cooperação de um trabalho longo e amadurecido por um plano de acção sustentado, levado a cabo por uma equipa digna do maior respeito e admiração. Por isso, mais uma vez se apresenta, nesta edição especial 20 anos, dando lugar a uma série de reflexões científicas, subscritas por professores e investigadores de comprovado mérito.

Ao completar 20 anos de existência, a ESEG orgulha-se pelo trabalho desenvolvido, e que nas páginas destes dois volumes, apresentados pela ocasião do seu aniversário, se submete ao rigoroso escrutínio público da comunidade científica e académica, dando à estampa mais uma série de artigos que hão-de, certamente, merecer a aplauso geral.

Paralelamente a esta iniciativa, a ESEG entrou no novo ano lectivo com a certeza de que poderá enfrentar os desafios do processo de Bolonha com todos os recursos de que carece para a sua afirmação como escola de prestígio. A saber: uma revista científica, constituída com repositório da investigação do que melhor nela se produz; uma carteira de protocolos com as mais prestigiadas instituições de ensino superior, tendo em vista a oferta de formação avançada, quer ao nível de pós-graduações, que ao nível de mestrados; um conjunto de parcerias com centros de investigação, que têm por objectivo o desenvolvimento de projectos comuns multitemáticos, em rede com instituições públicas e privadas; contratos

em regime de consórcio com instituições nacionais e internacionais, visando a concretização de projectos pré-seleccionados, e de indiscutível interesse para a sociedade civil...

Por tudo isto e pelo demais, que não se justifica ser relevado neste campo, a ESEG enfrenta o futuro com confiança. Assume o compromisso de, nestas páginas, continuar a oferecer aos investigadores um contributo um espaço à investigação científica, que orgulhe os que nelas colaboram.

Numa época em que só os melhores têm lugar garantido, e só a excelência consegue fazer a diferença, a nossa promessa será sempre a certeza do dever cumprido, e a honra de humildemente caminhar lado a lado com os que apostam em fazer do nosso país um espaço de saberes genuinamente reconhecido.

*Joaquim Manuel Fernandes Brigas*  
*Director da ESEG*

## Querido Leitor

Dirijo-me a si «querido leitor», como fazia António Vieira e mais recentemente Miguel Torga nos últimos livros que publicou. O adjectivo «querido» com intenso e profundo valor semântico adquire ainda maior intensidade quando anteposto ao substantivo. Deixa de ser meramente informativo para se tornar performativo, pois realiza no coração o que significa.

Ao escrever este prefácio, sinto a grande dificuldade inerente a tudo o que começa. Eduardo Theirs na sua «Introdução» às *Novelas Ejemplares* de Miguel de Cervantes conta que estando sentado à mesa de um café chega um amigo que lhe pergunta o que faz. A resposta foi imediata: «Devo fazer uma introdução o que não é nada fácil». E acrescentava que para essa dificuldade contribuía a necessidade de se misturar o necessário com a incitação para que o leitor trabalhe e obtenha o maior prazer por sua conta. Terminava notando que se deve ensinar o oculto para que o leitor investigue por si mesmo.

No entanto esta introdução tem que seguir um outro caminho, pois procura atingir o real, o objectivo, a acção, a própria vida. É sobretudo o momento para uma reflexão aprofundada, partindo do passado para uma perspectiva de futuro

Com essa finalidade vou tentar salientar o valor da revista, logo a sua necessidade. Abordarei depois algumas das maiores exigências, dificuldades e preocupações que provoca uma publicação deste tipo. Afirmo desde já que não olho só para o passado. O que me interessa é o presente, pois, como diz Santo Agostinho, o passado e o futuro só existem enquanto presente.



## Valor e necessidade

Qualquer estabelecimento de ensino superior tem necessidade de uma revista que se apresenta como um testemunho, uma oportunidade, uma memória.

Antes de mais é um testemunho do esforço realizado, do trabalho pessoal e colectivo, do interesse sentido, enfim da capacidade e do valor dos que nela escrevem. É por isso que é também uma oportunidade, sobretudo para os mais novos que iniciam o percurso de uma docência que se pretende um serviço e uma realização pessoal. Nem sempre é fácil publicar os resultados da investigação, pois nem sempre as portas se abrem aos mais novos. A revista, sendo da casa, e dirigida por pessoas que se conhecem inspira confiança e ao mesmo tempo motivação. Todos sabem que se trata de um campo aberto para dar a público o que se escreve, na certeza de que as coisas só existem verdadeiramente quando se conhecem.

Sendo testemunho e oportunidade a revista também é memória da vida colectiva e em certa medida da vida de cada um. Quem escreve dá a conhecer os seus conhecimentos, as suas emoções, as suas acções, as suas histórias. Escrever é em certo modo viver à beira da intemporalidade. Por estes motivos uma escola sem revista é uma escola sem memória, pois se não se der a conhecer no presente ficará ignorada no futuro.

A revista é também necessária porque gera várias relações.

Antes de mais é um factor de relação de cada pessoa consigo mesma. Ao olhar a revista cada autor sente um apelo continuado para que caminhe, para que produza, para que crie não de modo isolado, mas em participação. O trabalho em equipa é mais produtivo, embora guardando as diferenças pessoais. Uma sinfonia não exige a uniformidade, mas o fazer bem aquilo que se deve fazer bem. Agindo com os outros cada pessoa aprende a agir consigo mesma.

Ao escrever o autor vai entrar em diálogo com os outros colaboradores da revista e com eles cria novas relações de pensamento e até de convivência e amizade. Há uma profunda inter penetração de saberes diferentes, de novo

analisados e transmitidos e por isso reformulados. E nesta actividade de relações acentuadas reside a descoberta que cada um faz do saber dos outros que acaba também por ser um saborear da vida e do mundo. Foi isto que expressou Ionesco ao ser recebido na Academia Francesa quando disse: « A nossa arte de encontrar o mistério da vida reside no modo de se olhar, de olhar os outros, de olhar o mundo».

No entanto, esta relação vai estabelecer-se não só a entre pessoas, mas também entre as redes culturais, as instituições, as escolas com os mesmos interesses. Um dos maiores benefícios de ter uma revista está na possibilidade de estabelecer trocas com outras revistas, comparando o que se produz com o que se realiza de mais válido e actualizado.

Outra relação muito desejável deve estabelecer-se entre os próprios leitores. Por essa razão existem revistas que publicam as cartas dos leitores onde exprimem os sentimentos provocados pelos autores e as apreciações feitas por outros leitores sejam eles simples, médios ou especificamente preparados. O importante é que o leitor seja activo, desejoso de criar. Nada interessa o que seja negativo e por isso recusámos sempre o «homo lacrimans» detestado por Albert Camus ou a «barbárie interior» condenada por Jean-François Motte. No fundo, para que a revista tenha aceitação deve ser exigente e possuir real valor. Fazer uma revista é um trabalho árduo, constante, a que não deve faltar um grande optimismo e uma imensa confiança em si mesmo e nos outros. As exigências são enormes e as dificuldades permanentes.

### **Exigências e dificuldades**

A primeira característica de uma revista é a sua efemeridade. Está na essência das revistas a sua morte anunciada, por causa da sua temporalidade, da ambiguidade existencial que a determina. A revista não é o tempo que passa inerente ao jornal, nem o tempo que fica que caracteriza o livro. É um tempo

intermédio. Estando entre duas situações acaba por ter um estatuto que não está definido.

Talvez por isso poucas são as revistas que venceram o tempo. Algumas desapareceram mesmo rapidamente, apesar de alguns números terem ficado como marcos de inovação e saber. Damos alguns exemplos mais significativos. Da célebre revista *Orphen*, fundada por Fernando Pessoa, Mário Sá Carneiro e outros em 1915 só saíram três números. Da revista *Centauro* só apareceu um número. Da *Athen* foram publicados cinco números. Já a conhecida revista *Presença* fundada por José Régio e João Gaspar Simões durou mais tempo, pois teve 54 números. Com vida efémera foram publicadas as revistas *Exílio Portugal Futurista*, *Revista Lusitana*, *Revista de Portugal*. Em algumas universidades portuguesas, revistas de várias especialidades como Direito, História, Filosofia acabaram depois de algum tempo de publicação, normalmente por razões políticas, económicas ou mesmo científicas.

A revista *ESEG Investigação*, tem-se mantido sem interrupção, por causa de apoios sem os quais a morte já teria acontecido. Para que tal milagre aconteça há que ter em conta a acção do director da ESEG, dos colaboradores e dos leitores.

A actual revista deve-se ao espírito empreendedor do Director da Escola Superior de Educação, Prof. Joaquim Brigas. Apesar de ter um grande sentido empresarial da escola, não se deixou dominar pelo material. Para o director a matéria é, como a palavra indica, a mãe da acção, mas não a dominadora da acção. Não procurou a mercantilização do conhecimento hoje tão apregoada. Tentou antes valorizar a investigação, estabelecendo uma profunda ligação entre a Escola e a cultura nas suas variadas modalidades. O importante é que a Escola seja produtora de sentido através das suas actividades, e constitua um poderoso meio de fortalecimento das estruturas culturais e científicas. Deste modo vai contribuir para que os académicos sobrevivam entre as ruínas do espírito. No entanto, esta força da direcção não seria produtiva sem a acção dos colaboradores.

O que faz o sucesso de uma revista é o trabalho dos colaboradores que devem dar testemunho de competência resultante de um conjunto de qualidades assinaláveis. Notemos antes de mais a sinceridade e a humildade. Tomo aqui as palavras no seu sentido original, isto é viver sem cera, sem máscaras e por outro lado ser húmus, terra cultivada e produtiva. Escrever é pois ser autêntico e activo, mas é também sujeitar-se a críticas sobretudo dos que nada fazem, ou simplesmente são fracassados. Crítico de cinema é muitas vezes o que nunca fez um filme, como o crítico de literatura é o que nunca foi capaz de escrever um livro. Triste é constatar que há pessoas que nunca publicaram um artigo na revista e não consta que o tenham feito em outras publicações. É por isso que quem escreve deve possuir uma boa dose de confiança e optimismo. Junte-se a tudo isto uma grande insatisfação e criatividade. É evidente que nada de bom poderá acontecer se não houver competência, saber e sobretudo esforço. A inspiração só é rentável quando houver transpiração. Nada se faz sem trabalho, muito trabalho. Denis Rougemont em *L'amour et l'Occident* recorda o dito de Vernet a propósito de um quadro que vendia e o comprador achava caro para o esforço exigido: «Sim, exigiu-me uma hora de trabalho, mas toda a vida para o fazer». Um texto não é só o que aparece visível, mas também o invisível, pois implicitamente surge como o resultado de um esforço continuado, de longos anos de sacrifícios. Notemos ainda que os autores não escrevem para si, mas para o leitor. Por este motivo uma revista só existirá se tiver leitores. E qual é o papel do leitor?

Já atrás chamámos a atenção para a responsabilidade do leitor. Compete ao leitor procurar o dito e o que ficou por dizer, delimitar o espaço, revitalizar as personagens, actualizar os tempos, analisar as ideias, fortalecer a mensagem. Uma vez escrito, o texto já não pertence ao autor, mas ao leitor que ao ler vai criar o seu próprio mundo. Como escrevia Voltaire «os livros mais belos são aqueles cujos leitores fazem a metade». Um outro tema de grande actualidade é a necessidade de as revistas serem altamente especializadas. Para que uma revista tenha real valor e aceitação científica é forçoso que foque temas bem específicos

e intimamente relacionados.. Uma revista que trata de tudo é uma revista que cientificamente não trata de coisa nenhuma. Qualquer artigo nela publicado não terá aceitação no mundo da ciência e da investigação.

Por estas razões é forçoso que haja uma certa homogeneidade de conteúdo e sendo possível, que haja mesmo números temáticos, com uma linha científica condutora. Sem saber específico não é possível valor científico. É bom recordar o célebre número da revista *Communications 8* com o sub-título *Analyse Structurale du Récit* (Paris, Seuil, 1966) e que ainda hoje permanece como uma referência. A causa do seu impacto e da sua vitalidade está na novidade que trouxe então aos estudos literários e linguísticos, sem esquecer a qualidade dos colaboradores que assinaram os respectivos artigos.

O interesse duma revista vem também de outros factores como a capacidade de pôr interrogações, de tentar o novo, de procurar o diferente. Uma revista tem que ser ousada, tem que procurar abrir novos caminhos, com exigência, apesar das dificuldades encontradas. Só pelo diferente é que se aprende, só pelo novo é que se caminha, sem nunca abdicar dos valores transmitidos pelos antepassados. De resto é bom recordar o ditado que diz: que só se caminha tendo um passo atrás e outro à frente.

Ora a revista *ESEG Investigação* deve primar por ter uma atitude de investigação séria, aprofundada. Não se pode alhear do ensino ministrado na Escola e da especificidade dos seus fins culturais e pedagógicos. Ao mesmo tempo deve valorizar os saberes do meio em que se insere, atendendo à cultura radicada num determinado território e vivida por um grupo de pessoas com experiências comuns. Sendo publicada na Beira Alta devemos ter presente que não tem espaço limitado, pois vive «à beira de», isto é, no não espaço, ou como a palavra significa, na utopia. É sempre bom recordar que o verdadeiro regional é o verdadeiro universal.

Os que escrevem são os mais insatisfeitos e sabem que na revista, como nos quadros mais belos, há sempre luzes e sombras, mas também sabem que o ser é

sempre melhor que o não ser.

Ao fazer estas considerações e ao deixar a orientação científica da revista resta-me expressar um agradecimento, formular um voto, anunciar uma certeza.

O meu agradecimento vai para o Prof. Joaquim Brigas, Director da Escola Superior da Educação, pela sua força e determinação, para a Dr.a Fátima Gonçalves pelo seu saber e disponibilidade, para os colaboradores com o seu esforço e dedicação. A revista é de todos e não é de ninguém.

O meu voto é que cada um se interrogue não sobre o que vai acontecer, mas sobre o que vai fazer pela revista., pois eu acredito que há muita gente capaz de realizar maravilhas. Parafraseando o que escreve Gide a propósito do livro diremos: «Quem se interessa pela revista é por si que se interessa».

A certeza que anuncio é esta. Embora afastado voluntariamente das responsabilidades científicas da revista não deixarei de dar o meu contributo sempre que for oportuno. Deste modo viverei em relação comigo e com os outros, alimentando permanentemente um sentimento de futuro, sabendo que, como diz o Papa Bento XVI, é «pela esperança que somos salvos».

*Júlio Pinheiro*



# O uso das fontes na imprensa generalista

*Regina Gouveia<sup>1</sup>*

Intentar a investigação baseada na cumplicidade com alunos implica, à partida, ser capaz de os motivar suficientemente para tal aventura. Não se revelou difícil, em parte devido ao tema, mas, sobretudo, graças à sua maturidade científica e pessoal. E, assim, a experiência vários anos adiada, ainda que de prudentes aspirações, valeu muito a pena.

Subordinado a um dos temas programáticos da disciplina de Teoria das Ciências da Informação -*As fontes jornalísticas*-, o trabalho realizado no 2.º semestre lectivo (Fevereiro a Maio de 2007) visou contribuir para um melhor entendimento do seu uso na imprensa generalista, tendo-se procurado averiguar sobre as fontes mais usadas, os principais contornos da sua utilização, a influência das políticas editoriais, as eventuais diferenças e semelhanças entre a imprensa diária e semanal e as particularidades associadas a diferentes géneros jornalísticos no recurso às mesmas. A partir destes objectivos, fixaram-se as seguintes hipóteses orientadoras, relacionadas com as variáveis **Género Jornalístico, Articulação de Fontes, Tipo de Fonte, Uso das Fontes e Tipo de Acontecimento**:

- Há nas notícias desenvolvidas e reportagens maior articulação/confronto de fontes?
- Adoptam os jornalistas como estratégia usual o recurso a, pelo menos, uma fonte (referida ou citada)?
- Preocupam-se os jornalistas com a articulação e o confronto de diferentes fontes de informação?
- Usam os jornalistas mais fontes na imprensa semanal?
- Privilegiam os jornalistas em geral as fontes oficiais?

---

1 - Docente da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico da Guarda.



- Constituem os governantes fontes jornalísticas preferenciais para qualquer tipo de jornal?
- Preterem os jornais de referência as fontes não oficiais?
- Escudam-se os jornalistas através das citações e da articulação de fontes em palavras e imagens?
- São os jornalistas condicionados pelo tipo de acontecimento na selecção das fontes, independentemente de outros factores aos jornais e aos jornalistas associados?

Aos principais implicados, os então finalistas do 5.º ano da licenciatura em Comunicação e Relações Públicas, coube a realização da análise de imprensa propriamente dita, enquadrada pela exploração teórica prévia do tema. Divididos em grupos, observaram o conteúdo dos diários *Correio da Manhã*, *Jornal de Notícias* e *Público* (edições dos dias 3, 5, 10, 12, 17, 19, 24 e 26 de Abril) e dos semanários *Expresso* e *Sol* (edições de 31 de Março e 7, 14 e 21 de Abril). A escolha destes títulos atendeu à sua preponderância no universo dos jornais de informação geral (quadros 1 e 2).

Os diários seleccionados registaram no semestre de Janeiro/Junho de 2005 a Junho de 2006 os melhores índices de audiência, assim como os níveis mais elevados de circulação nos anos 2000 e 2005. Também o *Expresso* manteve a liderança entre os semanários, em número médio de exemplares em circulação nos mesmos anos, tendo como concorrente mais directo o *Sol*, desde o surgimento do mesmo nas bancas (em 2006)<sup>2</sup>.

---

2 - Segundo o seu director, José António Saraiva, “O Sol vai alcançar a liderança no próximo ano. Acredito que seja possível durante 2008, estou bastante convicto”. In *Jornal de Notícias (on line)*, edição do dia 9 de Setembro de 2007, acedida em <http://jn.sapo.pt> (Novembro/2007).

**Quadro 1**  
**Evolução semestral da audiência média dos diários generalistas,**  
**de Jan/Jun 2005 a Jan/Jun 2006**

	Jan/Jun 2005	Abril/Jun 2005 a Set./Dez 2005	Set./Dez 2005 a Jan/Mar 2006	Jan/Jun 2006
<b>Diários Generalistas</b>	28.2	28.4	26.5	25.9
JN	12	12.2	11.6	11.4
CM	9.9	10.5	9.6	9.2
PÚBLICO	5.1	5.2	4.7	4.7
DN	3.8	4	3.6	3.1
24 HORAS	3.4	2.9	2.6	3.2

Base: Indivíduos com 15 e mais anos, residentes em Portugal Continental (total = 8.311.409)

Fonte: Marktest - Barceme Imprensa, in Gustavo Cardoso, *Anuário da Comunicação 2005-2006*, Observatório da Imprensa, Lisboa, Abril de 2007, p. 125, acessado em <http://www.obecom.pt>

**Quadro 2**  
**Circulação dos jornais de informação geral, diários e não diários, em 2000 e 2005**

Título	2000 (circulação em '000)	2005 (circulação em '000)	Evolução (%)
<b>DIÁRIOS</b>			
CM	26.9	33.1	26.7
JN	30.2	27.6	- 6
PÚBLICO	16.0	14.2	- 8.4
DN	19.7	10.6	- 44.4
24 HORAS	7.2	14.3	104.6
Total	346.914 (100%)	356.756 (100%)	2.8
<b>SEMANÁRIOS</b>			
EXPRESSO	66.2	81.2	- 7.5
INDEPENDENTE	16.1	7.8	- 63.2
TAL & QUAL <sup>3</sup>	17.7	11.0	- 53.1
Total	209.163 (100%)	157.910 (100%)	- 24.5

Fonte: Marktest - Barceme Imprensa, in Gustavo Cardoso (coord.), *Anuário da Comunicação 2005-2006*, Observatório da Imprensa, Lisboa, Abril de 2007, p. 131, acessado em <http://www.obecom.pt>

3 - A sua publicação findou com a edição de 28 de Setembro de 2007.

Os dados relativos às 3 697 peças registadas agruparam-se em cinco categorias que, tituladas com base nas variáveis acima referidas, englobaram 26 subcategorias (quadro 3). Embora nem toda a pesquisa tenha sido concretizada em tempo lectivo, as dificuldades e hesitações foram superadas mediante a sua partilha e discussão nas aulas, assegurando-se, assim, a homogeneidade possível de critérios e procedimentos por parte de todos os grupos. A congruência relativa dos dados obtidos pelos alunos que analisaram o mesmo diário (dois grupos, encarregando-se um das edições das terças e quintas-feiras e o outro das edições das quartas e sextas-feiras) permitiu aferir a validade dos mesmos e, em princípio, das conclusões que eu, retomando o trabalho iniciado com a pré-definição do quadro teórico da investigação (tema, objectivos, *corpus* da análise, hipóteses, variáveis e categorias), deveria redigir e tornar públicas. É esta, precisamente, a finalidade do presente artigo.

**Quadro 3**  
**Categorias de análise**

**I – Género Jornalístico (Informativo)**

- 1 – Notícia Breve
- 2 – Fotonotícia breve ou Fotolegenda
- 3 – Notícia desenvolvida (Montagem) e reportagem

**II – Articulação de Fontes**

- 1 – Nenhuma fonte
- 2 – Uma fonte
- 3 – Duas fontes
- 4 – Mais de duas fontes

**I – Género Jornalístico (Informativo)**

- 1 – Notícia Breve
- 2 – Fotonotícia breve ou Fotolegenda
- 3 – Notícia desenvolvida (Montagem) e reportagem

**II – Articulação de Fontes**

- 1 – Nenhuma fonte
- 2 – Uma fonte
- 3 – Duas fontes
- 4 – Mais de duas fontes

**III – Tipo de Fonte (Admite mais do que uma entrada)**

- 1 – Responsáveis políticos (governantes)
- 2 – Responsáveis de empresas e instituições privadas
- 3 – Responsáveis de empresas públicas (não governantes)
- 4 – Figuras Públicas (que não se enquadram nas restantes categorias)
- 5 – Especialistas (que não figuram como responsáveis/fontes oficiais)
- 6 – Anónimos protagonistas (envolvidos no acontecimento)
- 7 – Anónimos que presenciaram o acontecimento
- 8 – Anónimos com alguma ligação aos protagonistas do acontecimento
- 9 – Estatísticas, documentos e relatórios
- 10 – Outras fontes

**IV – Uso das Fontes (Admite mais do que uma entrada)**

- 1 – Referência a fontes (não citadas)
- 2 – Citação de fontes (uso de aspas)
- 3 – Fontes só em texto
- 4 – Fontes em texto e Imagem

**V – Tipo de Acontecimento<sup>4</sup>**

- 1 – Rotina (baseado em intenções ou objectivos planeados; assessoria de imprensa, conferências de imprensa, etc.); os efectivadores são também promotores).
- 2 – Crime/acidente (acto deliberado/erro de cálculo que produz quebra na ordem ou desorganização na instituição; o efectivador é sempre diferente do promotor).
- 3 – Escândalo (o promotor é um informador, alguém interno à organização que denuncia factos que outros queriam manter secretos).
- 4 – Acaso (acontecimento não planeado, mas promovido pelo próprio efectivador).

---

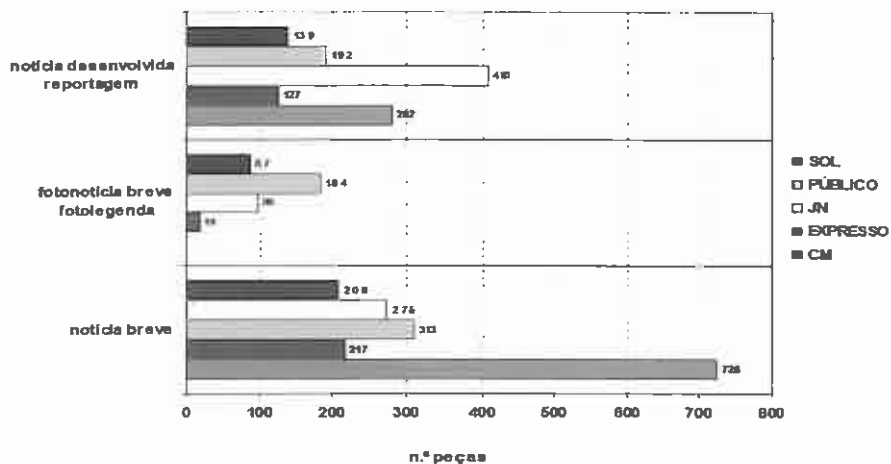
4 - Subcategorias adaptadas da tipologia dos acontecimentos de Molotoch e Lester, que os distinguiram de «acordo com as circunstâncias de promoção que os tornam públicos». Rogério Santos, *A negociação entre jornalistas e fontes*, Coimbra, Minerva, 1997, pp. 24-25.

## Apresentação e análise dos dados

Um primeiro aspecto analisado foi o **género jornalístico**, indirectamente relevante no contexto do nosso estudo: em princípio, o investimento em informação desenvolvida implicaria o recurso a mais fontes, relatos concisos explicariam o uso de menos fontes.

Ora, os dados obtidos<sup>5</sup> permitiram-nos concluir que a generalidade dos jornais observados preferem contemplar superficialmente mais factos, ao invés de selectivamente aprofundarem certos temas da actualidade. Destacou-se o *JN*, em que o número de notícias desenvolvidas e reportagens (410) foi superior ao total de notícias breves, fotonotícias breves e fotolegendas. De resto, em todos os outros, só as notícias breves conseguiram ser sempre em número superior às notícias desenvolvidas e reportagens.

Gráfico 1  
Género jornalístico



5 - Optámos por apresentar os dados obtidos a partir dos diários e dos semanários num mesmo gráfico (nos gráficos 1, 2, 3 e 6), ainda que dos primeiros se tenham observado oito edições e dos segundos apenas quatro, a fim de mais facilmente se poderem comparar resultados.

Com efeito, o jornalismo, além de fazer o «relato do efémero»<sup>6</sup>, na medida em que se alimenta do presente, único tempo da actualidade, tem vindo a caracterizar-se por discursos também efémeros, porque rápidos, quase sempre reduzidos aos elementos essenciais dos acontecimentos (quem, o quê, quando, onde e porquê). Falha, assim, na missão fundamental de se relacionar criticamente com os conflitos sociais e, por isso, na de fomentar o relacionamento crítico da sociedade com os mesmos. Os jornalistas noticiam cada vez mais, atordoados e atordoando a sociedade através de uma avalanche de factos e falas imediatamente discursáveis, que escusam a investigação jornalística, sem a preocupação de enquadramentos que possibilitem a devida compreensão do que acontece e é relatado.

A informação está cada vez menos submetida a princípios de racionalidade, atingida que foi também pela emoção (ou hiper-emoção) de outros géneros. Ao invés de ser pensada e produzida para suscitar a reflexão crítica e a participação no debate público sobre assuntos comuns, procura antes agradar e divertir, não cansar os destinatários que prezam a sua passividade. Não tem de ser boa, obedecendo a critérios de rigor e correcção, que só podem decorrer de investigação adequada, deverá antes surgir como produto belo e agradável<sup>7</sup>. Como refere Mário Mesquita, «os media e os jornalistas não se deviam limitar a agradar, a eles caberia informar, narrar e convencer, mantendo o distanciamento imprescindível a poderem agir como fomentadores de reflexão e crítica»<sup>8</sup>, mas à sociedade caberia igualmente deixar de preterir a informação que informa, em favor da que entretém. «Informar-se cansa»<sup>9</sup>, mas mais esforço exigirá certamente

---

6 - Não no sentido em que se alimenta do efémero, mas porque se nutre do acontecimento, que é efémero. Cf. Manuel Carlos Chaparro, *Linguagem dos Conflitos*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2001, p. 41.

7 - Cf. Regina Gouveia, «Contributo para uma reflexão acerca do papel dos media no desenvolvimento sócio-cultural», in *Actas do II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural, Universidade de Guadalajara, México, Outubro de 2006.

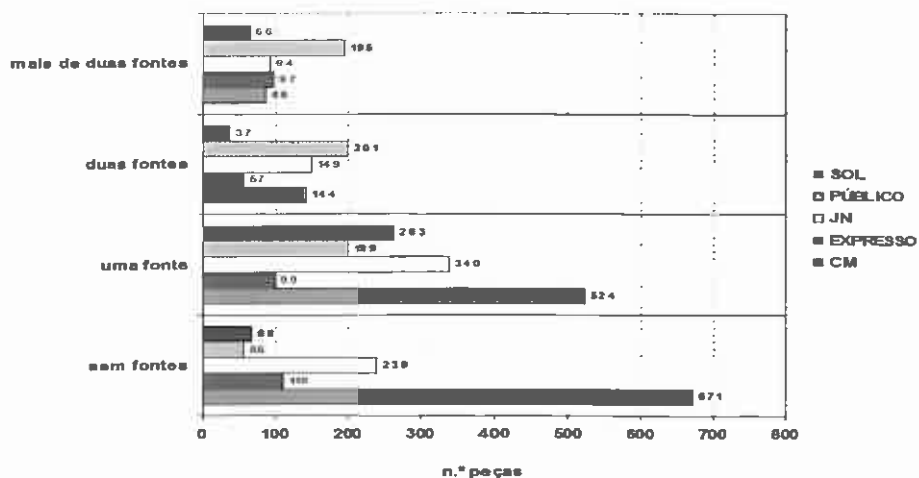
8 - Mário Mesquita, *O Quarto Equívoco: O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, MinervaCoimbra, Coimbra, 2003, p. 76.

9 - Ignacio Ramonet, *A Tirania da Comunicação*, Campo das Letras, Porto, 2000, p. 133.

(re)construir democracias extintas ou pervertidas.

A articulação e o confronto de fontes resultam obviamente negligenciados nesta prática que obedece a razões económicas e concorrenciais, para além de políticas<sup>10</sup>. Assim tivemos de concluir ao registarmos que, num total de 3697 peças, apenas em 1128 (30,5%) se confrontam duas ou mais fontes, tendo sido superior o número de peças, 1144 (30,9%), em que não estava explicitamente referida ou citada qualquer fonte. Até no *JN*, que aposta mais no desenvolvimento das notícias, sobressaiu o uso de apenas uma fonte. O *Público* afigurou-se como o diário mais preocupado com a articulação e o confronto de fontes, uma vez que se destacou por ter menos peças sem fontes e ao possuir maior número de registos com duas e mais de duas fontes.

Gráfico 2  
Articulação de fontes



10 - Parece óbvio que aos detentores do poder político em democracia interessa manter a sociedade em estado letárgico, incapaz de vigiar, reagir e exigir do seu exercício, tanto mais que lhes está, por princípio, vedado o uso de instrumentos visíveis de censura e repressão.

Nem sempre as fontes aparecem directa ou indirectamente referidas. Os jornalistas podem não assumir que dependem das fontes, nomeadamente omitindo-as, mas é delas que obtêm os relatos, testemunhos e opiniões, são elas que, cada vez mais, produzem os próprios acontecimentos, além dos saberes. Nas últimas décadas<sup>11</sup>, desenvolveu-se todo um conjunto de saberes, instituições e profissionais que posicionam estrategicamente fontes na órbita dos *media*, disputando a mediação social de que o jornalismo era, e é ainda, pelo menos em parte, a principal instância. De fontes passivas, defensivas, que precisavam de ser conquistadas, passaram a entidades organizadas, interessadas e eficazes a utilizarem e, se possível, a marcarem a agenda dos *media*, tanto mais quando são simultaneamente jornalistas<sup>12</sup>. «Na hora de escrever, na rotina da produção e dos procedimentos profissionais (os conscientes e os inconscientes), a perspectiva das fontes influencia, inevitavelmente, a decisão jornalística – e quanto mais competentes elas se tornam, mais capazes são de determinar enfoques, relevâncias e até títulos, na narração jornalística.»<sup>13</sup>.

O texto jornalístico é normalmente marcado por intertextualidade e polifonia, já que aos discursos dos jornalistas estão subjacentes ou se sobrepõem as falas de outrem, as suas fontes. Na construção da notícia, repórteres e redactores raramente se inspiram apenas na realidade, observada directamente, contactando quem nela esteve envolvida, a conheceu ou testemunhou. Daí que o processo de produção da informação, discurso sobre discursos, assente em lutas pelo poder, mormente o de ter voz, entre jornalistas e fontes, mas também na sua convergência e cooperação.

---

11 - Como refere Manuel Pinto, entre muitos outros. «Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo» in *Comunicação e Sociedade 2. Cadernos do Noroeste, Série Comunicação*, Vol. 14 (1-2), 2000, p. 282.

12 - Emídio Rangel, aquando do lançamento do polémico livro *Manuel Maria Carrilho/ Sob o Signo da Verdade*, denunciou a existência de “agências de comunicação social com jornalistas avençados das formas mais variadas para o serviço sujo (...) O mau jornalismo tem vindo a impor-se e a ganhar muitas batalhas ao bom jornalismo. No mundo da política, então, assume proporções alarmantes perante a indiferença do Estado, do Governo, da tutela dos jornalistas.” «Emídio Rangel diz que há jornalistas que se vendem» in <http://www.rtp.pt> (Maio/2006).

13 - Manuel Carlos Chaparro, *op. cit.*, p. 43.



Mais ou menos equilibrada, o certo é que da relação, social e cultural, entre parceiros de um *enjeu* permanente resulta uma determinada visão do mundo que é publicamente transmitida e, logo, socialmente partilhada. Diferentes fontes, indivíduos ou organizações, fornecem diferentes informações, com distintos poderes, consoante as suas competências, interesses e perspectivas, pelo que é fundamental que a sociedade conheça os protagonistas da mediação entre os factos e a notícia e procure compreender as consequências da sua centralidade. Haverá que entender, enfim, que critérios de noticiabilidade prevalecem ao prevalecerem certas fontes.

Os resultados que apurámos apenas confirmaram o que múltiplos estudos já haviam sustentado: a generalidade dos jornais privilegia as fontes oficiais, que emanam dos poderes, e outras «fontes de elite»<sup>14</sup>, negligenciando a mediação de uma maior polifonia social<sup>15</sup>. No respeitante aos diários, as primeiras cinco subcategorias de fontes, onde se incluem as oficiais e outras de elite, surgiram em 2178 peças, cerca de 67% do total, enquanto que as três seguintes, correspondentes às anónimas, apenas se observaram em 362 peças (11%). Já nos semanários, a relação é de 61% (578 peças) para 12,5% (119 peças). Os responsáveis políticos, ou governantes, salientaram-se como fontes mais utilizadas (em 644 peças dos diários e em 193 dos semanários), com uma representatividade muito semelhante à dos responsáveis de instituições públicas (553 e 118 peças, respectivamente).

---

14 - Expressão utilizada por Jorge Pedro Sousa, «Diários portugueses: que espaço para o cidadão comum?», Página BOCC – Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, Universidade da Beira Interior, Covilhã, p. 10, acedido em [www.bocc.ubi.pt](http://www.bocc.ubi.pt) (Maio/2006).

15 - Estrela Serrano, na Comunicação que apresentou ao 1.º Congresso da SOPCOM (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação), salientou igualmente a preponderância das fontes ligadas às elites de poder relativamente a outras fontes. «Jornalismo e elites de poder» in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século – Actas do I Congresso da SOPCOM*, Vega, Lisboa, 2002.

Gráfico 3  
Tipos de fontes

N.º peças

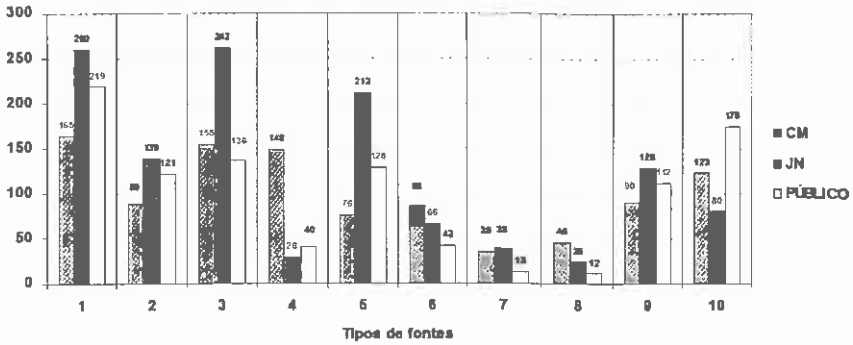
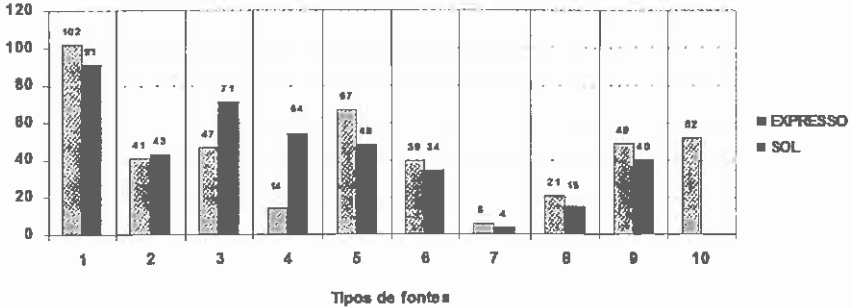


Gráfico 4  
Tipos de fontes

N.º peças



Tipos de fontes. 1 - Responsáveis políticos, 2 - Responsáveis de empresas e instituições privadas, 3 - Responsáveis de instituições públicas (não governamentais), 4 - Figuras públicas (não Responsáveis), 5 - Especialistas, 6 - Anónimos protagonistas do acontecimento, 7 - Anónimos que presenciaram o acontecimento, 8 - Anónimos com alguma ligação aos protagonistas, 9 - Estatísticas e documentos (relatórios), 10 - Outras fontes.

O *CM* apresentou maior equilíbrio no uso dos diferentes tipos de fontes, enquanto que o *JN* ilustrou melhor a preponderância das fontes de poder relativamente às anónimas. Uns e outros não se apoiam muito em estatísticas e documentos, já que só foram observados em 419 peças, ou seja, em aproximadamente 10% do total de registos. A representatividade da subcategoria «outras fontes» deveu-se, em parte, ao facto de nem sempre aparecerem devidamente identificadas as fontes que os jornalistas utilizaram, resultando mais difícil a sua categorização.

Não é, então, social ou partilhada a imagem que os jornais difundem da sociedade, já que deixam quase sempre de fora o cidadão comum, reproduzindo, logo mantendo, a estrutura social vigente e os limites da aceitabilidade e legitimidade da intervenção simbólica nos espaços públicos. Não privilegiando as falas de cidadãos comuns<sup>16</sup>, inibem a divulgação de opiniões e perspectivas alternativas acerca da realidade, amplificam os poderes e sustentam o *status quo*. É, enfim, limitado o «mercado livre das ideias»<sup>17</sup>.

A preferência pelas fontes de elite está, em parte, relacionada com o recurso apressado a uma única fonte de informação, que, não sendo contraposta a outras, não «havendo tempo» para a confirmação dos dados que fornece, é a que, presumivelmente, detém mais credibilidade, representando, por isso, menor risco para o jornalista. São também as fontes de poder mais depressa e facilmente identificáveis como relacionadas com determinado acontecimento e cujos contactos se baseiam em rotinas institucionalizadas. Servem, assim, uma

---

16 - Como o jornal mais lido em Porto Alegre (Brasil), o *Diário Gaúcho*, que «lege como estratégia de comunicabilidade a intensa participação do cidadão como fonte jornalística», objecto de estudo que Márcia Franz Amaral seleccionou para «analisar a presença dos cidadãos comuns como fontes principais (...) inversão desconsiderada na literatura sobre o tema». «Fontes jornalísticas: o lugar de fala do cidadão», Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 1 a 5 de Setembro de 2002, texto acedido em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br> (Maio/2006).

17 - Jorge Pedro Sousa, *op. cit.*, p. 11.

estratégia de prevenção e de auto-legitimação. «Normalmente, quem não exerce poder na sociedade, não ocupa cargo representativo ou não tem representatividade económica, não tem voz na notícia, a menos que suas acções produzam efeitos noticiáveis moral ou socialmente negativos»<sup>18</sup>, ou seja, é preciso que «morda no cão». A falha, o excesso e a inversão, que Adriano Duarte Rodrigues salienta como registos de noticiabilidade<sup>19</sup> aplicam-se, afinal, aos que raramente têm o poder de falar.

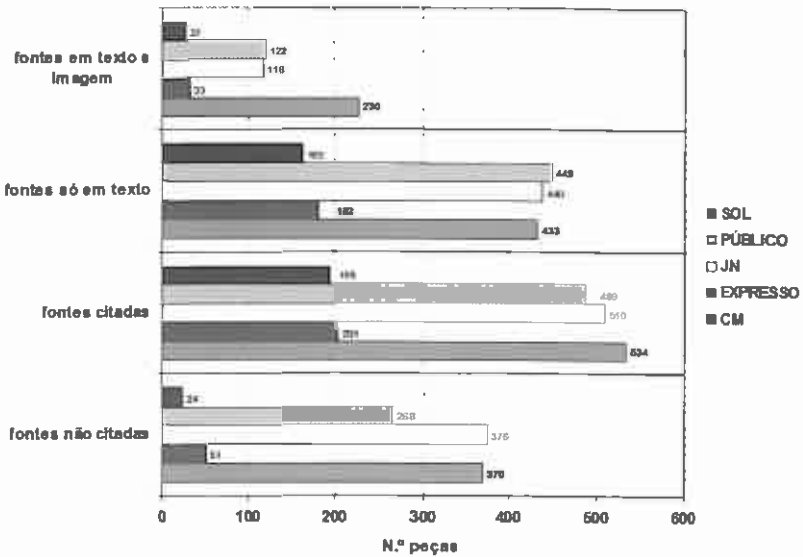
Igualmente preventiva será decerto a preferência que os jornalistas dos diários e semanários analisados evidenciaram pela citação das suas fontes (indivíduos e organizações), ainda que de forma menos notória do que a esperada. O mimetismo de que padece a imprensa e os *media* em geral, baseado na «febre» pela cobertura de um mesmo acontecimento, tanto mais se ele tiver sido agendado por um ou vários meios de referência, normalmente sob o comando da televisão, poderá explicar o uso de menos citações. A prática de esmiuçar dados já revelados, de acrescentar a um pouco de nada de novidade emoção quanto baste para mais uma manchete sobre um tema mediático quente, que venda a edição, obriga os jornalistas a recodificarem os discursos directos de fontes já utilizados.

Embora os grandes títulos de 1.ª página exijam grandes imagens, elas são poucas vezes representativas das fontes jornalísticas. A baixa frequência com que os jornalistas identificam as suas fontes em texto e imagem em todos os jornais deve-se, certamente, à particularidade de, ao recorrerem sobretudo a fontes (re)conhecidas publicamente, não necessitarem de destinar espaço à sua visualização.

18 - Márcia Franz Amaral, *ibid.*, p. 3.

19 - *Estratégias da Comunicação*, Presença, Lisboa, 1990, pp. 98 sgg.

Gráfico 5  
Uso das fontes

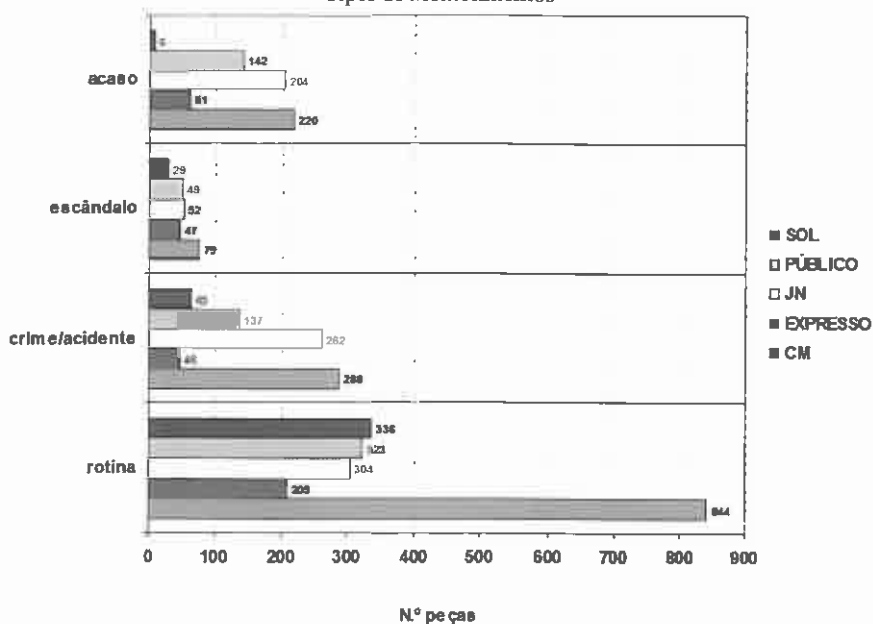


A inserção de menos imagens das fontes denuncia, igualmente, o facto de os jornalistas não disporem muitas vezes de ilustrações, tão só de textos que recolheram por iniciativa própria, de fontes contactadas telefonicamente ou via *email*, ou receberam comodamente na sala de redacção na forma de comunicados de imprensa provenientes de fontes organizadas ou de informação noticiosa divulgada por agências especializadas. De palavras, escrevem-se palavras, recodificam-se discursos, improvável é conseguirem fotos exclusivas dos protagonistas de um acontecimento de que não fizeram cobertura *in loco*, a não ser que alguém as faculte, normalmente no seu próprio interesse. E a estas falta muitas vezes a qualidade indispensável à sua colocação na peça. Como os canais de televisão, os jornais podem sempre usar fotografias de arquivo, mas esta é uma estratégia que se reveste de uma perigosidade acrescida para a imprensa, sempre

disponível para a (re)leitura, que a passagem rápida das imagens televisivas não comporta em dimensão sequer aproximada.

Surpreendentemente, ou não, os acontecimentos do tipo «rotina» foram os mais frequentes em todos os jornais, até mesmo no *CM*, para o qual tínhamos previsto uma representatividade superior dos «crimes e acidentes». O facto de os dois grupos que analisaram este diário terem obtido dados que confirmaram a mesma conclusão garantiu a validade dos mesmos. Por outro lado, a muito fraca frequência dos «escândalos», quase idêntica no conjunto dos diários e semanários analisados, denota o papel particularmente irrelevante da nossa imprensa na denúncia de informações que aos poderosos interessa manter em sigilo. Será que é porque escasseiam dentro das instituições e empresas efectivos denunciadores, ou estes, sem deterem poder instituído, não conseguem fazer ouvir publicamente a sua voz?

Gráfico 6  
Tipos de acontecimentos



A preponderância das rotinas confirma igualmente a dependência acrescida dos jornalistas de fontes institucionais, que o trabalho jornalístico é hoje muito mais preso à secretária e aos dispositivos tecnológicos de emissão e, sobretudo, de recepção de informação, ao contrário de outros tempos em que o sentar na cadeira e redigir um texto representavam o culminar de um importante trabalho externo de investigação e de procura de fontes que «precisavam ser conquistadas, quando não agredidas, para que dissessem o que sabiam»<sup>20</sup>.

Ao investigarem menos, por basearem excessivamente a sua actividade na divulgação de dados sobre o que já era sabido ou previsto acontecer (rotinas), logo, de mais reduzida dimensão informativa, ao adulterarem o seu estatuto, de investigadores para receptores de informação, ao abdicarem de princípios fundamentais como objectividade e independência, os jornais negligenciam o cumprimento de uma função vital que lhes está naturalmente acometida, aquela que Lasswell designa de vigilância do meio<sup>21</sup>. Mediante esta, deveriam manter-nos a par da actualidade, do pulsar da sociedade a que pertencemos, da local à global. É a informação mediática que torna possível a nossa pertença a mundos nunca vistos, em que não tivemos qualquer experiência directa. É do conhecimento que obtemos através de *media* vigilantes que depende a nossa capacidade de intervenção social, de participarmos no governo das coisas comuns, princípio e fim da democracia. Menos informação, ou de menor qualidade, significa mais reduzida, ou pior, participação social e política.

A ênfase na vigilância do meio como função distinguia os denominados jornais de referência/qualidade dos populares ou sensacionalistas, mas é cada vez mais precária tal distinção, já que os primeiros escolheram concorrer no mercado adoptando códigos próprios dos segundos. Ao privilegiar a ficção, a diversão e o espectáculo, a imprensa, e os *media* em geral, centra-se numa das

---

20 - Manuel Carlos Chaparro, *op. cit.*, p. 42.

21 - Harold D. Lasswell, «A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade», in Gabriel Cohn, *Comunicação e Indústria Cultural*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1971.

suas funções sociais: a de diversão, entretenimento e preenchimento dos tempos livres<sup>22</sup>. É importante o papel que desempenha a este nível, tanto mais que ele é simultaneamente de natureza catártica e psicoterapêutica, mediante a ficção e a exploração dos pormenores das vidas íntimas de personagens públicas, com quem o público substitui as relações primárias perdidas, e de relatos sobre escândalos ou crimes, que permitem a libertação de tendências biológicas e culturais, recalçadas pela vida em sociedade. Mas a imprensa, sobretudo a de referência, deveria manter o público desperto e predisposto a intervir socialmente, tanto mais que sobre os jornalistas recai o papel de principais intermediários entre os políticos e a opinião pública<sup>23</sup>.

Também é certo que na diversão e no espectáculo reside uma outra função social da imprensa e dos restantes *media*, identificada por Lasswell como de transmissão da herança social<sup>24</sup>, que integra uma vertente educativa, para além da de entretenimento. Educando e distraíndo, os *media* socializam, asseguram a coesão social e a continuidade cultural. Mas de que cultura estaremos a falar, se, como refere Adriano Duarte Rodrigues, «o universo exorbitante da realidade e da experiência» instituído mediaticamente, a uma escala cada vez mais global, mas fugente, é um «universo *cool*, lúdico, sem espessura simbólica no sentido propriamente cultural, pelo menos no sentido que, até há pouco tempo, dávamos a este termo»<sup>25</sup>.

---

22 - *Id. Ibid.*

23 - Regina Gouveia, «A (in) eficácia da comunicação política», in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século – Actas do I Congresso da SOPCOM*, Vega, Lisboa, 2002, pp. 790-797.

24 - Harold Lasswell, *ibid.*

25 - Adriano Duarte Rodrigues, *Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação*, Editorial Presença, Lisboa, 1994, p. 214.



## Conclusões finais

Tendo por base os dados recolhidos e a sua análise, e confrontando-os com as hipóteses previamente definidas, podemos concluir o seguinte:

- Notícias desenvolvidas e reportagens não redundam no uso acrescido de fontes, uma vez que o jornal que mais desenvolve os temas (o *JN*) não é o que usa mais fontes.
- Os jornalistas omitem muitas vezes as suas fontes, a julgar pelo número (o mais elevado) de peças em que não foi citada ou referida qualquer fonte.
- Do mesmo modo, temos de concluir que os jornalistas não se preocupam com a articulação e o confronto de fontes, pois registámos mais peças sem referência ou citação de qualquer fonte do que aquelas em que identificaram duas ou mais fontes.
- A imprensa semanal não se demarca pelo uso de mais fontes, tendo antes sobressaído o *Público* como o mais apostado na articulação e no confronto de fontes.
- Quer nos semanários, quer nos diários, destaca-se a preferência pelas fontes oficiais.
- São os governantes os privilegiados no universo das fontes oficiais e de elite.
- Os jornais de referência não se distinguem pela selecção das fontes, por não evidenciarem a preterição clara das não oficiais.
- A citação das fontes é uma estratégia bastante recorrente dos jornalistas em geral, em princípio, com a finalidade de se autoprotegerem.
- O facto de prevalecerem as «rotinas» explicará, pelo menos parcialmente, a prevalência das fontes oficiais.

Em suma, podemos afirmar que a relação jornalistas-fontes deixou de estar fundada numa lógica da procura e da actividade dos primeiros, em contraposição com a passividade e a atitude defensiva das segundas, para se basear na lógica da oferta e da actividade destas últimas e em passividade e atitude defensiva dos profissionais da informação. Quanto a esta última, se os jornalistas a não têm na medida necessária, é conveniente a si próprios e à sociedade que a venham a adoptar, a fim de melhor resistirem à capacidade de controlo e de influência de fontes cada vez mais competentes na produção de informação noticiável e dos próprios acontecimentos.

O jornalismo só preservará a sua missão se mantiver intacta a qualidade da independência e persistir numa relação crítica e lúcida com a realidade. Para tal, de que depende o desenvolvimento e aperfeiçoamento do mundo, que se quer democrático, terá de mediar as diversas verdades em conflito, e estas, muito dificilmente, serão monopólio de fontes oficiais e de elite. Mais articulação e confronto de fontes, melhor trabalho de investigação afiguram-se essenciais a um verdadeiro jornalismo. Mas terá de ser a sociedade a enquadrar e, porventura, a exigir tal esforço de mudança.

## Referências Bibliográficas

Amaral, Márcia Franz, «Fontes jornalísticas: o lugar de fala do cidadão», Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador/BA, 1 a 5 de Setembro de 2002, texto acedido em <http://repositorio.portcom.intercom.org.br>.

Gustavo Cardoso (coord.), Anuário da Comunicação 2005-2006, Observatório da Imprensa, Lisboa, Abril de 2007, acedido em <http://www.obercom.pt>.

Chaparro, Manuel Carlos, *Linguagem dos Conflitos*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2001.

Gouveia, Regina, «Contributo para uma reflexão acerca do papel dos media no desenvolvimento sócio-cultural», in *Actas do IV Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural*, AGIR – Associação para a Investigação e Desenvolvimento Sócio-Cultural, Universidade de Guadalajara, México, Outubro de 2006.

«A (in)eficácia da comunicação política», in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século – Actas do I Congresso da SOPCOM*, Vega, Lisboa, 2002.

Keane, John, *A Democracia e os Média*, Lisboa, Temas e Debates, 2002.

Lasswell, Harold D., «A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade», in Gabriel Cohn, *Comunicação e Indústria Cultural*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1971.

Meditsch, Eduardo e Segala, Mariana, «Vozes do povo e vozes do poder: uma análise dos atores das notícias do principal telejornal brasileiro», Universidade Federal de Santa Catarina, 2004, texto acedido em <http://prisma.cetac.up.pt>

Mesquita, Mário, *O quarto equívoco: o poder dos média na sociedade contemporânea*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2003.

Pinto, Manuel, «Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo», Universidade do Minho, 2000, texto acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt>

Ramonet, Ignacio, *A Tirania da Comunicação*, Campo das Letras, Porto, 2000.

Rodrigues, Adriano Duarte, *Estratégias da Comunicação*, Lisboa, Presença, 1990.

*Comunicação e cultura – A experiência cultural na era da informação*, Lisboa, Editorial Presença, 1994.

Santos, Rogério, *A negociação entre jornalistas e fontes*, Coimbra, Minerva, 1997.

Serrano, Estrela, «Jornalismo e elites de poder» in *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século – Actas do I Congresso da SOPCOM*, Vega, Lisboa, 2002.

Sousa, Jorge Pedro, «Diários portugueses: que espaço para o cidadão comum?», Universidade Fernando Pessoa, 1997, texto acedido em [www.boec.ubi.pt](http://www.boec.ubi.pt).

*As notícias e os seus efeitos*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2000.

Traquina, Nelson (Org.), *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*, Lisboa, Vega, 1993.

VVAA, *Século XXI: Perspectivas*, Lisboa, Presença, 2004.

Wolton, Dominique, *Pensar a comunicação*, Algés, Difel, 1999.

Wolf, Mauro, *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Presença, 1995.